

PROFISSÃO: BIBLIOTECÁRIO

Introdução

Las carreras o profesiones son tipos de quehacer humano que, por lo visto, la sociedad necesita. Y uno de estos es desde hace un par de siglos el bibliotecario.

Ortega y Gasset, *Misión del Bibliotecario*¹

Em 20 de Maio de 1935, Ortega y Gasset² proferiu o discurso inaugural do 2º Congresso Internacional da IFLA no auditório da Universidad de Madrid, onde desempenhava funções de professor catedrático, o qual intitulou “Misión del Bibliotecario”.

Se para o filósofo, “missão” significa aquilo que o homem deve fazer na vida, aquilo que é chamado a realizar, e é em si mesma exclusiva do homem, a “missão profissional” é o trabalho, pois considera que a vida é trabalho. Segundo o autor, para viver é preciso fazer algo sob pena de sucumbir. Então:

Originariamente eso que hoy constituye una profesion u oficio fue inspiración genial e creadora de un hombre que sintió la radical necesidad de dedicar su vida a una ocupación hasta entonces desconocida, que invento un nuevo quehacer. Era su misión, lo para él necesario. Esse hombre muere, y con él su misión; pero andando el tiempo, la colectividad, la sociedad, repara en que aquella ocupación algo parecido es necesaria para que subsista o florezca el conglomerado de hombres en que ella – la sociedad – consiste.

O Bibliotecário é uma figura antiga que podemos encontrar na literatura designadamente nos clássicos Umberto Eco³ ou Jorge Luís Borges⁴, que incarna, no primeiro caso, a imagem do conservador incorruptível e poderoso na guarda da sabedoria contida nos livros, controlando e limitando o seu acesso, de modo a proteger o conhecimento a que apenas alguns eleitos têm direito.

Longe vai esse tempo. Bibliotecas e bibliotecários são hoje realidades bem diferentes, bem mais próximas da utopia de Borges: mais abertas e próximas das populações, onde se podem encontrar variados serviços e chegar à fala com o bibliotecário que há muito deixou de estar encerrado numa torre de marfim.

¹ Ortega y Gasset, José (1967) *Misión del bibliotecario y otros ensayos afines*. 2ª ed. Madrid: Ediciones de la Revista de Occidente.

² Professor e escritor espanhol, nasceu em Madrid em 9 de Maio de 1883 e morreu em 1955. Estudou Filosofia em Madrid e depois em Leipzig, Berlim e Marburg. A sua extensa obra abarca temas de matriz política, artística, sociológica e histórica.

³ “O Nome da Rosa”, romance histórico de Umberto Eco, cujo enredo de gira em torno das investigações de uma série de crimes misteriosos, cometidos dentro de uma abadia medieval. O investigador, o frade franciscano William de Baskerville, assessorado pelo noviço Adso de Melk, vai a fundo nas suas investigações, apesar da resistência de alguns dos religiosos do local, até que descobre que as causas do crime estavam ligadas a manutenção de uma biblioteca que mantém em segredo obras apócrifas, obras que não seriam aceitas em consenso pela igreja cristã da Idade Média.

⁴ “A Biblioteca de Babel”, de Jorge Luís Borges, é um conto inserido no livro *Ficções*, de 1944. Este conto, essencialmente metafísico, fala de uma realidade em que o mundo é constituído por uma biblioteca infundável, abrigando uma infinidade de livros. O narrador, um dos muitos bibliotecários, supõe que os volumes da biblioteca contêm todas as possibilidades da realidade. Alguns não fazem sentido, ou fazem numa língua há muito desconhecida. Outros são meras repetições de uma mesma palavra. Busca-se incessantemente alguém que saiba decifrar as mensagens contidas nos misteriosos volumes, que seria o correspondente a um deus.

Aconteceu, pois, que as necessidades referidas por Gasset foram evoluindo e mudando ao longo do tempo. O trabalho do bibliotecário foi variando em função do papel e do significado do livro enquanto necessidade social, numa primeira fase. A sociedade da informação e do conhecimento, porém, veio alterar o enfoque no livro, ou seja, no objecto material, e passou a centrá-lo na sua essência, no conteúdo, na informação, independentemente do suporte de fixação ou registo, exigindo um profissional com novas competências, nomeadamente ao nível da gestão das tecnologias da informação.

Mas ahora va a surgir ante nosotros el perfil de una nueva tarea incomparablemente más alta, más grave, más esencial. Cabría decir que hasta ahora vuestra profesión ha vivido solo las horas de juego y preludio – Tanz und Vorspiel. Ahora viene lo serio, porque el drama empieza.

Para o intelectual espanhol, o livro e o impresso tornaram-se um “peso”. A alegria pelo livro torna-se no seu contrário, devido à dificuldade em gerir a profusão bibliográfica, *lo cual significa para mí que vuestra profesión inicia su edad madura.*

Gasset considera que a maturidade da profissão de Bibliotecário passa pela capacidade de enfrentar duas questões que entende problemáticas: a existência de demasiados livros e a sua produção abundante.

Deste modo, para o autor, o bibliotecário deveria ser o regulador da produção livresca e assumir-se como um “higienista” das leituras, principalmente perante os leitores menos preparados.

Actualmente a profusão e a abundância não está apenas nos livros, está na produção massiva de informação, que extravasa o universo do livro.

O Bibliotecário tem hoje como missão racionalizar a informação, tornando-se algo mais do que aquilo que se tornou vulgar reconhecer como função de mediador da informação.

Se em 1935, Gasset entendia que a profissão de Bibliotecário atingia a sua idade madura, poderemos agora questionar em que fase da sua vida está esta profissão, ou interrogar se será legítimo ainda falar em Bibliotecário como uma profissão.

Para o efeito, interessa compreender o que se pode entender como Bibliotecário, que tarefas e competências lhe são exigidas, que formação e que relação com o mercado de trabalho e as associações profissionais, no actual contexto da sociedade da informação. É a partir da interpretação da evolução destes eixos analíticos que tentaremos posicionar a profissão e aventar perspectivas de futuro num panorama em transformação.

1. O que é um Bibliotecário?

O Dicionário do Livro⁵ regista na entrada para “Bibliotecário” o seguinte significado:

O técnico superior que trabalha numa biblioteca e que está encarregado da sua organização e gestão, do aumento das colecções, da classificação e do tratamento dos documentos para os pôr à disposição dos leitores, fazer a sua divulgação e assegurar eventualmente a sua conservação.

O conceito registado em 1999 configura uma realidade profissional que evoluiu significativamente neste lapso temporal de doze anos.

O Bibliotecário começou, *in illo tempore*, por ser quem auxiliava os investigadores, nomeadamente os historiadores, na consulta, identificação e compilação das fontes documentais para os seus estudos⁶. Era também o guardião dos fundos documentais e um efectivo conservador das colecções. Com a produção em massa da edição proporcionada pela imprensa de caracteres móveis, e com a generalização da tecnologia “livro”, o Bibliotecário adaptou as suas funções a um novo conceito de biblioteca, orientado para todas as camadas sociais e não já apenas para as elites, pois, com a expansão da alfabetização, toda a sociedade passou a ter necessidades de informação e conhecimento.

Passámos, então, a entender o profissional como um mediador entre os sistemas de organização de informação e os utilizadores, de modo a facilitar o acesso da informação da colecção a seu cargo. A tarefa dos bibliotecários esteve sempre estritamente vinculada a processos de racionalização que permitiam localizar a informação com maior celeridade, como sejam: a selecção, aquisição, catalogação, classificação e disseminação da informação, mas com o tempo, o bibliotecário converteu-se num agente social construtor de informação, deixando de ser um mero facilitador de livros.

Actualmente, este profissional vê-se na necessidade de trabalhar a informação num contexto electrónico e digital. O conceito de biblioteca também sofreu mudanças, e desprende-se do espaço, ou seja, libertou-se de uma dimensão meramente física e marca hoje presença no ambiente digital. Já em 1995, Eloy Rodrigues⁷ questionava o eventual desaparecimento das bibliotecas tal como as conhecíamos, e apresentava propostas de reflexão em torno do então conceito emergente, de “Biblioteca Virtual” ou “Biblioteca Digital”. Seria uma nova dimensão de biblioteca proporcionada pela internet e pela *world wide web*. A Internet dava origem a “bibliotecas sem paredes e a estantes sem livros”⁸ e aos bibliotecários sucediam-se os “cibertecários”.

As mudanças exigiram um nome mais significativo das novas funções e destrezas. As práticas tradicionais mantêm-se, mas há novas técnicas e práticas de outras áreas de estudos⁹.

Esta “nova” biblioteca constaria de três ideias base: capacidade de armazenamento de informação em variados suportes digitais e formatos, possibilidade de estarem acessíveis aos seus utilizadores em qualquer lugar e a qualquer hora, e facilidade de pesquisa e acesso às colecções locais e outras fontes de informação disponíveis em rede.

⁵ Faria, Maria Isabel; Pericão, Maria da Graça (1999) *Novo Dicionário do Livro: da escrita ao multimedia*. Círculo de Leitores

⁶ Silva, Armando Malheiro; Ribeiro, Fernanda (2004) *Formação, perfil e competências da informação*. Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/>

⁷ In. *Bibliotecas virtuais e Cibertecários*, versão revista e actualizada da comunicação apresentada ao Seminário “As Universidades e os Novos Serviços de Informação Electrónica em Rede”, realizado em Braga, em Maio de 1995

⁸ Cunha, Murilo B. da (1999) *Desafios na construção de uma biblioteca digital*. Ciência da Informação, v. 28, n. 3, p. 257-268, set./dez. Disponível em: <http://www.ibict.br/cionline>

⁹ Sullivan, Patricia Mónica Allendez (2004) *El impacto de las nuevas tecnologías en la competencia laboral del bibliotecário del siglo XXI*. In. *Biblios*. Vol.5, nº017

As Tecnologias da Comunicação e da Informação (TIC) propiciaram mudanças de paradigma marcadas pelo valor que o conhecimento adquiriu no contexto da Sociedade da Informação. “A grande mudança na área da biblioteconomia é a mudança do paradigma do acervo para o paradigma da informação”¹⁰.

Os profissionais bibliotecários de hoje devem estar ligados ao sector da informação, no sentido da sua participação nos processos de geração, disseminação, recuperação, gestão, conservação e utilização da informação.

As TIC impuseram mudanças no perfil profissional do bibliotecário. O Bibliotecário confronta-se hoje, inclusivamente, com a problemática da sua própria designação profissional.

São-lhe exigidas competências e aptidões novas, embora não no sentido de substituir as suas competências tradicionais e clássicas enunciadas resumidamente na definição do Dicionário do Livro, mas no sentido de acrescentar novas competências que devem estar em permanente actualização.

Já não existe uma única possibilidade de trabalho, o bibliotecário pode desempenhar funções como consultor, ministrar cursos de formação, intervir no desenho de sistemas informáticos, afirmar-se como perito nas pesquisas web e bases de dados, desenhar páginas web ou desenvolver sistemas de apoio à decisão.

O perfil do profissional deve atender a três áreas do conhecimento: a administração e a gestão, a tecnologia da informação e a informação, ou seja, deve extravasar os horizontes das bibliotecas e da biblioteconomia.

As competências e aptidões tradicionais dos bibliotecários continuam a ser úteis no ambiente digital, mas têm que ser devidamente adaptadas e flexíveis. Face a estas transformações, na última década, os bibliotecários tiveram que reaprender a sua profissão. Os cursos que habilitavam estes profissionais tiveram que ser avaliados e reequacionados em consideração do uso da tecnologia e das exigências do próprio mercado de trabalho.

Em 2005, foi editado pelo Conselho Europeu das Associações de Informação (ECIA) o Guia referencial das competências dos profissionais europeus de informação, realizado por profissionais da informação numa perspectiva europeia. Nele foram identificadas e comparadas as competências e aptidões demonstradas nas diferentes ocupações da profissão de informação-documentação onde se incluem as profissões de arquivista, bibliotecário e documentalista, estabelecendo 33 domínios de competências divididos em 5 grupos – Informação, Tecnologias, Comunicação, Gestão, outros saberes, e 20 aptidões que completam a lista dos domínios de competências.

Sobre a evolução do profissional da informação, o Guia conclui:

A profissão de informação-documentação (I-D), continua a cumprir a missão fundamental que lhe incumbe. Isto é, encontrar a informação para uso profissional, tratá-la, geri-la, torná-la facilmente acessível e transmiti-la aos que dela necessitam, utilizadores ou clientes.

Se a missão continua a ser a mesma, em contrapartida, os meios para a cumprir evoluíram muito rapidamente. Ao mesmo tempo, a profissão é pressionada e obrigada a evoluir devido ao aumento do nível de exigência social. A informação torna-se cada vez mais um bem indispensável ao desenvolvimento de uma sociedade moderna.

(...)

Se a profissão mudou muito, o nosso olhar sobre ela mudou ainda mais. As associações europeias que elaboraram este Euro-Referencial estão fortemente convencidas da profunda unicidade da profissão, bem como da originalidade de cada uma das actividades que ela abrange.

¹⁰ Valentim, Marta Lúcia Pomim (2000) *O Moderno Profissional da Informação: formação e perspectiva profissional*. In. Encontros Bibli. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, Junho, nº9.

2. Como tornar-se Bibliotecário?

Data de 1887 o decreto¹¹ que criou a Inspeção Geral das Bibliotecas e Arquivos Públicos, cujo diploma deu origem ao curso de formação profissional superior que previa a preparação de Bibliotecários e Arquivistas. Portugal é, de resto, um dos primeiros países do mundo a instituir a formação superior nesta área¹².

O decreto nº20.478 de 1931 (6 Novembro) regulamentou o curso superior de bibliotecário- arquivista. Tratava-se de um curso superior exclusivamente profissional, *destinado a fornecer a preparação técnica essencial ao desempenho dos cargos superiores dos estabelecimentos bibliotecários e arquivístico*¹³.

Até 1911 o curso de bibliotecário-arquivista é ministrado ora no Arquivo Nacional Torre do Tombo (AN/TT) ora na Biblioteca Nacional (BN). Com a criação da Universidade de Lisboa, as disciplinas não técnicas passam a ser leccionadas na academia, continuando as restantes nos organismos antes referidos.

Com a instauração da ditadura nacional promulga-se o decreto de 1931 e o curso é retirado da universidade ficando sob a dependência da Inspeção das Bibliotecas e Arquivos. Em 1935, concluindo que *há vantagem em aliviar os serviços técnicos das bibliotecas e arquivos de funções docentes*¹⁴, a formação volta a ser competência da academia. Nesse mesmo ano é instituído o curso de bibliotecário-arquivista na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (FLUC).

O curso de bibliotecário-arquivista manteve a mesma estrutura e organização até 1982. o decreto nº87/82, de 13 de Julho¹⁵ cria o curso de Especialização em Ciências Documentais na FLUC, considerada que foi *a grande evolução das actividades profissionais nas últimas décadas neste domínio*, o que tornou indispensável *planear uma formação adequada que permita alargar a capacidade de utilização dos sistemas de informação já existentes a nível mundial*.

Extingue-se, assim, o curso de bibliotecário-arquivista. No ano seguinte determina-se em Portaria¹⁶ que o curso se deverá desdobrar em duas opções: arquivo, por um lado, e biblioteca e documentação, por outro, o que é imediatamente aplicado em Coimbra e em Lisboa. Só em 1985 é que a Universidade do Porto, pela Faculdade de Letras (FLUP), passa a ministrar o novo curso.

Esta especialização em Ciências Documentais tem a duração de dois anos, sendo o último semestre de estágio profissional em bibliotecas, arquivos ou centros de documentação. A admissão à sua frequência requer o grau de licenciado, independentemente da área de formação.

Em 2001 surge um novo modelo formativo inaugurado no Porto, numa parceria entre a FLUP e a Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto (FEUP), que dá origem à Licenciatura em Ciência da Informação (LCI). A FLUP extingue o curso de especialização e assume a nova licenciatura em pleno sem saudosismo, numa lógica de ruptura e evolução.

¹¹ PORTUGAL. Leis, decretos, etc. – [Decreto de 29 de Dezembro de 1887]. *Diário do Governo*. Lisboa. 3 (4 Jan. 1888)

¹² Ribeiro, Fernanda (2005) *Formação e mercado de trabalho em Informação e Documentação em Portugal*. Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/>

¹³ PORTUGAL. Leis, decretos, etc. – Decreto-lei nº 20:478. *Diário do Governo*. Lisboa. Lisboa (6 Nov.1931)

¹⁴ PORTUGAL. Leis, decretos, etc. – Decreto-lei nº 26:026. *Diário do Governo*. Lisboa. Lisboa (7 Nov.1935)

¹⁵ PORTUGAL. Leis, decretos, etc. – Decreto nº87/82. *Diário da República*. 1ª série. Lisboa. 159 (13 Jul. 1982)

¹⁶ PORTUGAL. Leis, decretos, etc. – Portaria nº448/83. *Diário da República*. 1ª série. Lisboa. 90 (19 Abr. 1983)

PORTUGAL. Leis, decretos, etc. – Portaria nº449/83. *Diário da República*. 1ª série. Lisboa. 90 (19 Abr. 1983)

A novidade desta formação começa na própria designação: deixa-se cair a ideia de documento das “Ciências Documentais” e valoriza-se o aspecto mais essencialista, a informação, “Ciência da Informação”, que pressupõe a integração de um conjunto de áreas convergentes, nomeadamente os sistemas de informação e as tecnologias da informação, daí o estreitamento da ligação com as áreas de engenharia, decorrendo daí, uma maior abertura à transdisciplinaridade.

Note-se que, ao longo da evolução da sua formação, o Bibliotecário e o Arquivista começaram por ter uma preparação integrada, que foi cindida com as Portarias de 1983, e volta, em 2001, a ser unificada com a nova Licenciatura.

Os indivíduos formados com o curso em Ciência da Informação podem ser: bibliotecários, arquivistas, documentalistas, mas são, antes de mais, e sobretudo, “profissionais da informação”.

A Ciência da Informação (C.I.) que se apoia na comunicação, na linguística, na informática, na administração, na psicologia, entre outros, vem-se desenvolvendo e formando o seu corpo teórico-metodológico. O moderno profissional da informação deve estar ciente desta interdisciplinaridade e perceber a importância disso para o entendimento da C.I.¹⁷.

¹⁷ Valentim, op. cit.

3. Que carreira e estatuto profissional para o Bibliotecário?

No decreto-lei nº26.026 de 1935 (7 Julho)¹⁸ pode ler-se no artº 10º, parágrafo 2º:

A apresentação do diploma de bibliotecário-arquivista, ou a sua pública-forma, será obrigatória nos concursos documentais para o provimento de cargos técnicos das bibliotecas e arquivos do estado ou das corporações administrativas em que, por lei, os diplomados no curso de bibliotecário-arquivista tiverem preferência absoluta.

Em 1965, o decreto-lei nº46.350 (22 Maio)¹⁹ que remodela os serviços de bibliotecas e arquivos, acentua a obrigatoriedade dos lugares técnicos de bibliotecas serem ocupados por pessoas devidamente habilitadas. No preâmbulo do documento legal pode ler-se:

Persistindo no decidido empenho de assegurar a competência técnica do pessoal das bibliotecas e arquivos, adoptam-se as providências necessárias para que de futuro ninguém possa alcançar provimento definitivo em lugares de categoria igual ou superior a terceiro-bibliotecário, quer dos serviços do Estado, quer dos corpos administrativos, organismos paraestatais e entidades subsidiadas pelo Estado, sem se mostrar habilitado com o curso de bibliotecário-arquivista.

Ainda a propósito de estimular o aperfeiçoamento dos funcionários, preceitua-se que os bibliotecários e conservadores dos serviços do Ministério da Educação Nacional e restantes arquivos distritais, com algumas excepções impostas por motivos atendíveis, constituam quadro único para efeitos de ingresso, transferência e promoção e que todos estes actos sejam precedidos de concurso documental.

A partir de 1969²⁰ passa a ser obrigatório o cumprimento de um estágio para obtenção do diploma. O estágio decorre entre Fevereiro e Dezembro, em três períodos pré-definidos e compreende ainda sessões de seminário.

A carreira e os grupos profissionais de Bibliotecários, Arquivistas e documentalistas (BAD) ficaram legalmente formalizados com o decreto-lei nº28/79 (10 de Agosto)²¹:

Para que os serviços de bibliotecas, de arquivos e de documentação possam desempenhar a alta função que lhes cabe no processo de desenvolvimento do país, é indispensável dotá-los de pessoal qualificado neste domínio, usufruindo de um estatuto e de condições de trabalho e de remuneração análogas aos dos especialistas do mesmo nível em outros sectores.

Passam, assim, a existir três grupos profissionais: pessoal técnico de investigação (carreira que ficou por designar), pessoal técnico superior (carreira de técnico superior) e pessoal técnico profissional (carreira de técnico auxiliar).

A alteração legislativa acontece em 1991²². Recorde-se que em 1987 é aprovado o plano de criação da rede de leitura pública, pela acção da secretária geral da cultura Teresa Patrício Gouveia, momento que marca um maior dinamismo e presença da acção das bibliotecas e dos bibliotecários um pouco por todo país.

¹⁸ Op. cit.

¹⁹ PORTUGAL. Leis, decretos, etc. – Decreto-Lei nº46.350 (22 Maio 1965)

²⁰ PORTUGAL. Leis, decretos, etc. – Decreto-Lei nº49.009. *Diário do Governo*. 1ª série. Lisboa. 116 (16 Maio 1969)

²¹ PORTUGAL. Leis, decretos, etc. – Decreto-Lei nº280/79. *Diário da República*. 1ª série-A. Lisboa. 184 (10 Ago. 1979)

²² PORTUGAL. Leis, decretos, etc. – Decreto-Lei nº274/91. *Diário da República*. 1ª série-A. Lisboa. 156 (10 Jul. 1991)

O preâmbulo do decreto-lei nº247/91 faz referência à evolução no sector das ciências da informação e às mudanças necessárias para fazer face a essa evolução no que diz respeito aos requisitos profissionais para o seu exercício.

Evidencia a importância do papel cada vez mais interveniente e exigente dos profissionais que associa *à crescente procura de informação que contribua para o planeamento, gestão e decisão por parte dos serviços que sirvam de suporte à concretização de políticas nacionais de arquivos e bibliotecas que apoiem o ensino e a investigação, assim como à crescente utilização das novas tecnologias de informação, as quais têm contribuído também para a evolução das funções em causa, alterando o seu conteúdo, modificando os procedimentos de trabalho e potenciando a qualidade dos produtos oferecidos.*

É neste enquadramento legal que se realiza um novo ordenamento das carreiras BAD onde passam a figurar: pessoal técnico superior de biblioteca / documentação e pessoal técnico superior de arquivos (carreira de técnico superior BD e carreira de técnico superior A); e pessoal técnico profissional de biblioteca / documentação e pessoal técnico profissional de arquivos (carreira de técnico auxiliar BD e carreira de técnico auxiliar A).

Desde 1991, ao nível da regulação do regime de carreiras, foram-se sucedendo várias alterações: em 1998²³ assiste-se à revisão do regime de carreiras da administração pública, estabelecem-se novas regras sobre o ingresso, acesso e progressão nas carreiras e categorias de regime geral, e procede-se à extinção e ou fusão de carreiras, e sua estruturação e enquadramento indiciário.

Em 1999²⁴ é novamente revisto o regime de carreiras, e é realizada uma nova acção de fusão e extinção de carreiras do regime geral, alertando para a manutenção das carreiras de regime especial *nos casos em que as especificidades do conteúdo e dos deveres funcionais, e também a formação ou habilitação de base claramente o justifiquem.* São então extintas 1716 carreiras e categorias.

No âmbito do programa de reformas da administração pública, o decreto-lei nº121/2008²⁵ volta a efectuar novo corte nas carreiras do regime geral e especial. Desta vez, a carreira BAD está incluída na lista das excluídas.

Historicamente, a carreira profissional era concebida como um processo cumulativo através do qual se ascendia na estrutura hierárquica das organizações. Porém, esta abordagem evolucionista tem vindo a sofrer profundas transformações, e a carreira BAD é disso mesmo exemplo, tal como verificamos na análise do seu percurso. De resto, com a crise do estado Providência enquanto elemento estruturador do pacto social, a carreira perdeu centralidade nos modos de estruturação socioprofissional.

Torna-se, assim premente pensar o lugar da profissão BAD ou do profissional da informação na contemporaneidade, mas também:

(...) necessário repensar o conceito de carreira profissional, porque a globalização, com o consequente aumento da competição económica, a inovação tecnológica que põe em causa a estrutura dos empregos e gera a obsolescência de certos tipos de qualificações, a consolidação de formas atípicas de emprego, o aumento dos níveis de habilitação escolar e profissional dos indivíduos, a melhoria das condições de vida e a alteração das expectativas e das aspirações profissionais colocam em causa a carreira profissional enquanto processo linear de progressão intra-organizacional²⁶.

²³ PORTUGAL. Leis, decretos, etc. – Decreto-Lei nº404-A/98. *Diário da República*. 1ª série-A. Lisboa. 291 (30 Dez. 1998)

²⁴ PORTUGAL. Leis, decretos, etc. – Lei nº44/99. *Diário da República*. 1ª série-A. Lisboa. 134 (11 Jun. 1999)

²⁵ PORTUGAL. Leis, decretos, etc. – Decreto-Lei nº121/2008. *Diário da República*. 1ª série. Lisboa. 133 (11 Jul. 2008)

²⁶ Almeida, António José; Marques, Maria Amélia; Alves, Natália Alves (2000) *Carreiras Profissionais: novos caminhos para as relações de trabalho?* IV Congresso Português de Sociologia. Disponível em: <http://www.aps.pt>

4. ... Trabalho e Emprego?

O sector empregador tradicional dos profissionais em Bibliotecas, Arquivos e Documentação é a Administração Pública, ou seja, organismos da administração central ou local, designadamente escolas, universidades, ministérios e autarquias.

No sector privado é menos usual, mas é possível também encontrar estes profissionais em bibliotecas e arquivos de instituições ou fundações privadas ou em órgãos de comunicação social (televisão, rádio e jornais).

O facto de estas profissões serem exercidas, tradicional e maioritariamente, por conta de outrem condicionou as saídas profissionais dos BAD. Verifica-se, contudo, uma mudança no sentido de uma maior abertura do mercado, nomeadamente no que diz respeito à contratação dos licenciados do novo curso em Ciência da Informação.

No encontro promovido pelas X Jornadas LCI foi possível constatar um leque alargado de empregadores destes licenciados: para além dos tradicionais organismos referidos, verifica-se uma inserção cada vez mais evidente no sector privado, em empresas de telecomunicações e de desenvolvimento de sistemas.

As TIC propiciaram uma mudança de paradigma marcado pelo valor que o conhecimento tem na sociedade da informação. Porém, o que realmente mudou não foi o valor do conhecimento, mas o valor que o mercado lhe dá na posse do mesmo. Na realidade, o conhecimento sempre gozou de prestígio, mas actualmente é considerado uma ferramenta que permite ostentar poder²⁷.

O perfil do bibliotecário deve estar de acordo com as necessidades do contexto laboral, assim foi necessário adaptar-se às mudanças impostas pela aplicação da informação no seu ambiente laboral.

Perante uma economia e uma sociedade globalizada, podemos perspectivar o mercado de trabalho do profissional bibliotecário de acordo com três grandes grupos²⁸: o mercado de informação tradicional, o mercado de informação existente e não ocupado, e tendências do mercado de informação.

O mercado informacional tradicional é composto por segmentos bastante conhecidos dos profissionais e, geralmente, são os únicos lembrados pela sociedade e às vezes pelo próprio bibliotecário: bibliotecas públicas (mercado consolidado), escolares, universitárias, especializadas, centros culturais e arquivos.

Os mercados informacionais existentes e não ocupados é composto por editoras e livrarias; empresas privadas, bases de dados.

Nestes últimos anos verifica-se uma tendência para o crescimento na actuação do bibliotecário como consultor, assessor, profissional autónomo ou mesmo independente. Fala-se assim, na necessidade de um profissional mais ousado e empreendedor.

²⁷ Sullivan, op.cit.

²⁸ Valentim, op.cit

5. Quem defende os interesses do Bibliotecário perante o Estado?

Em Portugal existem quatro associações profissionais constituídas sobre a base do conceito de profissionais da informação:

- APDIS²⁹, *Associação Portuguesa de Documentação e Informação de Saúde*, constituída em 5 de Fevereiro de 1991, que tem como finalidade o desenvolvimento da documentação e Informação de Saúde.
- A ADPSI³⁰, *Associação para a Promoção e o Desenvolvimento da Sociedade da Informação*, que pretende proporcionar um fórum para debate sobre a Sociedade da Informação e afirmar-se como força de pressão sobre os poderes públicos, instituições e sector privado no sentido de maximização dos benefícios da Sociedade da Informação, promover a sensibilização e qualificação no domínio da Sociedade da Informação e estimular a adequação do mercado às necessidades de desenvolvimento da Sociedade da Informação e do Conhecimento.
- A INCITE³¹, *Associação Portuguesa para a Gestão da Informação*, fundada em 1984 com a designação de *Associação Portuguesa para o Desenvolvimento da Informação Científica e Técnica*. Tem assim como objectivos: promover os princípios, as metodologias e as ferramentas próprias da Gestão da Informação, contribuir para o desenvolvimento e valorização dos profissionais ligados à área da Gestão de Informação e para a promoção do princípio de igualdade de acesso à informação e ao conhecimento indispensável ao exercício da cidadania numa sociedade democrática.
- A BAD³², *Associação Portuguesa de Bibliotecários Arquivistas e Documentalistas*, fundada em 1973, em resultado dos esforços dos profissionais portugueses de documentação e informação. Tem por objectivos: defender os interesses dos seus associados em todos os aspectos relativos às suas actividades e carreiras, fomentar a investigação nas áreas relativas aos sectores profissionais, promover o aperfeiçoamento científico, técnico e cultural dos seus associados tendo em vista a plena consciência da sua identidade e ética profissional, intervir nas áreas de decisão relativas ao planeamento, implementação e reorganização de Sistemas de Informação Documental, defender o direito à Informação na perspectiva de um desenvolvimento integral, e avaliar a qualidade dos conteúdos e estruturas curriculares dos diversos níveis de formação profissional.

Esta última Associação Profissional é a mais antiga cuja *acção se orientou prioritariamente para o reconhecimento do grupo profissional, para o controlo da sua profissionalidade e para a defesa dos seus interesses gerais perante o Estado, a sociedade, os clientes e empregadores*.³³

A BAD teve um papel fundamental na luta por um estatuto sócio-profissional remuneratório, procurando assumir-se como organismo de classe. Apresentou diversas reivindicações pelas carreiras profissionais, assim como pela valorização das carreiras de técnico superior de BAD, e tomou posição pública sobre a reestruturação dos serviços públicos e sobre a revisão de carreiras da administração pública.

Apelou ao facto da reforma administrativa do Estado não poder estar completa sem colocar a gestão da informação no centro das políticas de qualificação e do desenvolvimento e sem a participação dos profissionais e a assunção que o investimento nesta área é reprodutivo.

²⁹ Para mais informação consultar: www.apdis.org/

³⁰ Para mais informação consultar: <http://www.apdsi.pt/>

³¹ Para mais informação consultar: <http://www.incite.pt/>

³² Para mais informação consultar: <http://www.apbad.pt/>

³³ Freire, João (org) (2004) *Associações Profissionais em Portugal*. Oeiras: Celta.

Rebelou-se contra os casos públicos de contratação de desempenho de funções de direcção de bibliotecas por profissionais sem formação, e apresentou propostas de documentos a considerar na contratação pública para estes cargos, pois, de acordo com o decreto-lei de 2008³⁴:

A fusão das carreiras nas novas carreiras gerais (...) não significa o desaparecimento das especificidades das profissões existentes e dos postos de trabalho, mas tão só que essas especificidades serão acolhidas na caracterização que deles se fará no mapa de pessoal de cada um dos órgãos ou serviços. (...) Os postos de trabalho serão caracterizados em função da atribuição, competência ou actividade em cujo exercício se inserem, das carreiras e categorias que lhes correspondem e, quando imprescindível, em função da área de formação académica ou profissional de que o ocupante do posto de trabalho deva ser titular.

Esta associação tem, na sua génese, o modelo tradicional BAD, como a sua própria designação indica, o que significa que, pese embora, todo o trabalho desenvolvido na década de 70 na afirmação da profissão e na defesa da carreira, muito se tem criticado a distância com os novos profissionais da informação. Estes novos perfis profissionais tendem a identificar-se mais com associações profissionais que, não sendo da sua área de conhecimento, estão mais próximos das questões e das preocupações destes profissionais, “netos” do modelo das ciências documentais.

A consciência profissional dos BAD não conseguiu ganhar dimensão não só porque as associações profissionais não souberam promover a profissão, mas porque a acção dos profissionais BAD esteve sempre arredado de uma acção lucrativa imediata e directa, o que os votou ao desinvestimento e à insignificância.

³⁴ Op. cit.

Ser Bibliotecário... o dever de uma profissão

O envolvimento da sociedade pelo fenómeno da Informação, em plena simbiose com as TIC, determina comportamentos, atitudes e fomenta práticas de organização e pesquisa, designadamente na internet, que não podem ser alheias ao perfil do profissional que, forçosamente, terá de substituir o tradicional bibliotecário / arquivista / documentalista³⁵.

A quantidade de informação científica e técnica amplamente expandida desde meados do século XX, assim como o relevo dado à informação no âmbito da gestão interna das organizações, trouxe mudanças profundas a vários níveis, desde o desenvolvimento tecnológico e a afirmação da informática, ao questionamento da profissão, à renovação da formação e à actualização disciplinar e académica.

De facto, vivemos tão profundas alterações estruturais, que somos obrigados a reconhecer a crise do paradigma vigente. Mas, tal como Kuhn, consideramos que as crises e as mudanças devem ser entendidos como fases de um processo de evolução, mesmo que seja necessário fazer rupturas.

O Bibliotecário tradicional tem seguramente os dias do fim para breve. Consideramos que o Bibliotecário como profissional da informação será um dentre um conjunto diversificado de profissionais com um denominador comum – a informação – que poderá tomar diferentes designações de acordo com a especificidade da sua aplicação no terreno.

A diversidade da nomenclatura não é, em si, um problema, dado que ela corresponde, na prática, a particularidades do exercício profissional de acordo com os contextos em que se insere. Mais controverso do que a questão terminológica será, por exemplo, a falta de reconhecimento social do profissional da informação, pois daí deriva, em grande parte, a variedade de designações e a dificuldade de identificação do profissional com a área científica em que fez a sua formação³⁶.

Consideramos que a plêiade formativa actualmente existente em Portugal terá que assumir um núcleo essencial na preparação integral destes profissionais, sendo certo que a economia da sociedade do conhecimento não dispensará a formação contínua e a aprendizagem ao longo da vida. Desse consenso formativo poderá depender a própria identidade profissional.

O âmbito de acção do profissional ficará muito para além das bibliotecas. A Ciência da Informação, enquanto base científica da sua formação académica, promove um enquadramento laboral mais complexo e diversificado.

Deste modo, assim como um engenheiro pode ser especializado na indústria, na construção, nas florestas ou nos polímeros, também o profissional da informação poderá ser um especialista em bibliotecas, arquivos, gestão de empresas, plataformas digitais.

Certo e seguro é que esta nova área do conhecimento emergente é uma área fortemente transdisciplinar, mas para a qual ainda falta o *reconhecimento formal pelas entidades públicas administrativas, pelo mercado e pela prática social*³⁷.

³⁵ Silva; Ribeiro, op. cit.

³⁶ Ribeiro, Fernanda (2004) *Informação: um campo uno, profissões diversas?* Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/>

³⁷ Freire, op. cit.

Ainda que o nome de uma profissão seja a carta de apresentação de todo o profissional perante o mercado de trabalho cada vez mais exigente³⁸, retomamos Gasset para reforçar a importância da evolução das necessidades sociais e do devir na definição da missão do bibliotecário ou do profissional que possa vir a sucedê-lo ou a incorporar as suas funções:

Para determinar la misión del bibliotecario hay que partir no del hombre que la ejerce, de sus gustos, curiosidades o conveniencias, però tampoco de uni dela abstracto que pretendiese definir de una vez para siempre lo que es una biblioteca, sino de la necesidad social que vuestra profesión sirve. Y esta necesidad, como todo lo que es propriamente humano, no consiste en una magnitud fija, sino que es por esencia variable, migratória, evolutiva – en suma histórica³⁹.

© Sónia Passos
Bibliotecária, *hic et nunc*

³⁸ Aguilar Fernández, Víctor Manuel; Gamboa, Wilma Mireya (1998) *¿S.O.S. Bibliotecario!*. In. Revista Biblioteca Universitaria, Vol 1, No 1 (1998). Disponível em: <http://dgb.unam.mx>

³⁹ Ortega y Gasset, op. cit